

# AHMA – EXPOSIÇÕES DOCUMENTAIS

## ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE ALMADA

1ª EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL: “O CORTICEIRO” (1899/1900): Texto de Apoio  
Exposição patente na Casa Pargana: 12 de Dezembro 2000 a 30 de Março 2001

---



CÂMARA MUNICIPAL DE  
ALMADA



ARQUIVO HISTÓRICO  
MUNICIPAL

Rua Visconde Almeida Garrett,  
12 – Almada  
Tel.: 21 2724900  
Fax.: 21 2724919  
Email: arq.hist.mun@cma.m-  
almada.pt

### INFORMAÇÃO

Horário da Exposição:  
2ª a 6ª Feira, das 10h00 às 12h30 e das  
14h00 às 17h00

---

Visitas de grupo até cerca de 20 pessoas, incluindo  
palestras quinzenais às 5ª Feiras, das 10h00 às 12h30,  
(sujeitas a marcação prévia para o secretariado do  
Arquivo Histórico Municipal: 21 2724900)

---

Preparação e montagem da exposição:  
A. Flores (coord.), Fernanda Cruz, Irene Borges e Luís  
Barradas

CASA PARGANA

Divisão de História Local  
e Arquivo Histórico Municipal

---

Departamento de Acção Sociocultural

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA





# O CORTICEIRO

SEMANARIO OPERARIO

Orgão da classe corticeira e do proletariado em geral

Director do Jornal  
Manoel Fervoro

REDACTOR DA ADMINISTRAÇÃO  
João Custodio Gomes

### ASSIGNATURA

Os assignatarios, almada pagam 20 reis no acto da entrega do jornal.  
Provincia, cada trimestre, 200 reis pagos adiantadamente, podendo ser pago em 3 parcelas de 66 2/3 reis cada trimestre.  
Anno, 1000 reis.—Numero avulso, 50 reis.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS  
No de Administrat. N.º VII, Officinas N.º 1—ALMADA  
Editor, J. Custodio Gomes—Redacção, P.º da Silva  
Comp. e Imp. da Typographia d' O. Fervoro

REDAÇÃO  
Toda a correspondencia, nos dias de respeito e entrega, deve ser dirigida para a Rua do Machado, no regresso do almorço.  
As redacções em que se deposita o jornal, recebem a entrega das originaes não querias feitas, e estas, depois de não publicadas, não se restituem.

## A' CLASSE CORTICEIRA

Companheiros: sendo fora a necessidade do descanso que, neste momento, imparcialmente se me impõe, o facto seria a prova da maior cordaria; mas não é a minha vontade que assim o determine; é a sciencia, o estudo demorado do meu soffrimento, que me lovaram a tal resolução.

Segundo a opinião abalizada do ex.º sr. dr. Luiz Judio Paragana, meu medico assistente, e ainda á d' outros respeitaveis facultativos, a quem muito devo, apenas dois meses tenho a seguir; partir a casa, pelo menos dois meses, para Villa Real (Algarve), onde me garantirei os completos pilvotos ao meu soffrimento, podendo depois voltar á villa activa do trabalho; ou, como unico meio, abster-me de todas as preoccupações de espirito, e excessos, o que me não garantirá o meu completo restabelecimento, mas, pelo menos, mais alguns annos de vida.

Ora, como a falta de recursos materialmente me não permittem acceitar a primeira prescripção, vejo-me obrigado a lançar mão da segunda, e por isso, em nome da saúde que sempre me haverá dispendido, o que do futuro d' alma vos agradeço, vos peço que temporariamente me dispenséis de todos os vossos movimentos e em geral os do povo trabalhador, permitindo assim que eu me recolha no sossego, no qual espero encontrar de novo a saúde.

Como sabeis, actualmante me findam como delegado da industria corticeira junto do mercado da producao, agricola, onde procurava alcançar qualquer medida favoravel ao desenvolvimento da industria corticeira.

Bom sera, pois, que o meu mandato seja descomettido e outro companheiro, que da referida missão se queira encarregar, a fim de que os trabalhos que passava levar á pratica não sejam prejudicados.

Se do meu necessitar de quaisquer expellências, encontrar-me-heis sempre ao vosso dispor como leal e vincero companheiro do trabalho.

Almada, 7 de junho de 1900.

MANOEL FERVORO

## O NOSSO SEMANARIO

### Declaração

Em vista do nosso camarada e redactor, Manoel Fervoro, ter que abandonar a vida activa da imprensa, segundo as determinações do seu medico assistente sr. dr. Luiz Judio Paragana, e ainda d' outros abalizados e illustres, somos forçados a suspender a publicação do Corticeiro, até que o nosso dedicado companheiro possa de novo voltar a assumir a direcção d' esse semanario.

Podemos, por isso, desculpa aos nossos assignatarios e distribuidores que não têm auxiliado a nossa actividade, lembrando-lhes equivamente a conveniencia de enviarem a esta directoria qualquer quantia, a fim de serem submettidas á apreciação do comittee fiscal.

Esperando que os nossos committidos não desanimarem com esta falta, aproveitamos o ensejo, para aqui consignarmos o nosso profundo reconhecimento para com os nossos collaboradores e editor, pelos relevantes serviços que nos prestaram; conscião, todavia, de que no futuro nos prestareis o igual auxilio.

### A administração

## A completude do sr. commandante—Como se procura illudir o publico—O cabo Dias sem punição.

Nada mais comico e phantastico, do que as syndicalistas e que o sr. commandante do corpo de policia-civil de Lisboa está mandando proceder, em relação aos factos ultimos accusados e punidos por alguns generais da corporação do seu commandante perante o seu protigido cabo Dias, esse entre quem pouco terriavel e emagredora accusação, lá continua no seu posto, para opprobrio de toda a corporação e do proprio sr. com mandante.

E certo que por a, ex.º sr. commandante mantivermos por muito tempo o maximo respeito, sendo por vezes em duvida a sua completude nos factos committidos pelo seu protigido cabo

Dias; porém, hoje, a seu proferimento de que sua idéa, muito diversa do que entendo pensarmos de a, ex.º sr. commandante, que tem seu vultoso e imprudencialmente condemnado, por talo quanto é digno e honrado, continue no mesmo cargo, onde praticou as maiores infamias e tiranias.

Mas talvez que o sr. commandante tenha razão? Pois, segundo as leis do actual regimen, á da praxa que, antes de tudo quanto possa haver de moral de justiça, e mesmo para o desoro do país, estão as conveniências pessoais.

Portanto, a que se pratica sobre, além de tudo, á quem maliciou, de que o cabo Dias, seria capaz de fazer render tanto a recolta dos emolumentos? Ninguem duvida, por que indivíduos como elle não entrarão no d.º do facto?

Por consequencia, podemos escrever os artigos que quiserem, que coiza alguma consequencia. E se queremos saber a verdade do que affirmamos, consultamos a Fernando Augusto de Lacerda, actual secretario do sr. commandante. Bem o sabemos, não o dos vultos viciosos e aromaticos, mas sim o do pantano, (o que que isto se poderá chamar ao governo civil) aquelle que, em quanto não lhe derem que fazer, dá as costas á legaciao de tudo quanto se der a morte a Silva, e Lacerda, que tem actualmante um nido marial-pelas malhuras, negatrolando-se em vir como o seu antigo chefe Dias, e a subo vigio, mascarando na com a pratica, arrastando-lhe os miseraveis oculos e ainda em cima fornicando á acceitar a prescripção!

Que prazer, não é verdade, sr. Lacerda? Mas não, que li os seus artigos revolucionarios; eu, que por tantos vezes admira a sua actividade, as virtudes do seu galardo coraço, não supponho que fosse capaz de não me acudir para com as frotas e que de lá me venha a receber as attentões do mocho.

Como hoje estamos sem pressa, ter-ginamos, perguntando ao sr. commandante, porque nas suas syndicalistas não permitto que dependam as testimoniaes que dos factos occorridos tem perfeito conhecimento?

Não ouvimos, não é verdade?  
Pois fique sabendo que a nós tambem nos cabe o direito de pormos a luz, que isto bom é como commette as infamias, como aquelle que se consente.

### REZENDO

## A Festa de Santo Antonio

Approximado o dia tres de junho, dia designado para se fazerem de vil legroso Santo Antonio de Lisboa, dia que a nossa negra julga ser de guarda para festejar os servicos prestados á lu

memoria por este celebre D. Juan do século XVI.

Olegia o dia em que a moaldade folgazã pisa em pratica as suas dilastradas filias da effervescencia do sangue que lhe corre nas veias, como se fosse a lava d'um vulcão, mas que infelizmente não pela sua edocao, concorre para a obra dos corvos, dos homens de mal, d'esses desqualificados, cynicos e hyppocritas, cuja unica missão é robar, assassinar e violar. E os nossos irmãos d'esses, scilicet, que não hesitam em pôr em pratica a maior casta de infamias para se sustentarem na ergia do cannibalismo, como a historia de todos os tempos nos aponta, e que, para maior infamia, procuram sempre collocar os seus torpes actos nos olhos do mundo e do Christó!

Que a moaldade, a quem está condemnado a futuro, transformando a actual solidade, recorra á leitura de livros que lhe confirmem o quanto tem sido prejudicial a saúde negra, recordando-se os livros de Luzerne Bos, livro que se intitula «Os Mystérios de Paris» e outros que dizem de recorrer nos livros escriptos por Pedro Kropotkin, A. Hamon e outros que agora não occorrem.

Que a moaldade não concorra nos balões, antes da materia a factos do depuramento de forças, tanto de prescripção, de validade, ou de seras fustigadas se voltarem vaidosamente para sustentarem os caprichos d'algum D. Juan.

Que a moaldade estude a melhor forma de não contribuir para as vergonhinas infamias, que curvadas em verdadeiros desequilibrios mentais, preparando por todos os meios ao seu alcance a luz da liberdade que tanto se faz sentir entre a humanidade.

Que a moaldade, comprehendendo nitidamente os seus deveres ao mundo, que lhe está confiado, d'uma completa reforma no regimen social, mas de fórma a corresponder á grande necessidade da familia humana, emvida todas as forças que que se generalize e adquira o principio da sociedade de classe, preparando os meios para a conquista das direitas que, pertencendo-nos, outras estão ganhadas e deballado emfim por um pleito está sociedade e substituído a que, de que nos garante por lo lar, a vida, desferida.

Estabeleçamos a ordem de que por todos a todos por isso, podera outro ter logar a revolução social que nos guilmará ao progresso das nossas aspirações e direitas, sendo uma resposta formal á digna nossa pleiteada da justiça!

Lisboa, 6-8-1900.

FERVORO J. O. PARALLO

A direcção do Antecollegio dos Corticeiros fez saber que tem á venda no nº 4 da rua da Associação, os livros de propaganda socialista, publicados no 4.º pag.º.

Estão promptos para ler e assignatarios régim, os estatutos da associação de classe dos Corticeiros de Setúbal.

**A** condição geográfica de Almada, numa interdependência do Tejo e de Lisboa, a evolução socioeconómica, a população que aumenta, atraída pelo crescimento da industrialização, e a proximidade dos acontecimentos políticos, sociais e culturais da capital explicam a dinâmica, por vezes efémera, da imprensa almadense na segunda metade do século XIX, reflectindo os gostos, os ideais e as tendências de várias formações ideológicas. Alguns jornais têm, no entanto, uma vida bastante fugaz, não indo além do primeiro número e vários outros dos primeiros meses de publicação.

O jornal é, quase sempre, a expressão do seu director ou do grupo que o apoia, quer na defesa dos interesses políticos e sociais, quer na divulgação das notícias da terra, dos boletins literários e dos anúncios publicitários. Advogando os princípios dos regimes e do Estado, ou opondo-se pela crítica aos «podres» dos sistemas, estes dois tipos de imprensa fomentam polémicas e trocas de ideias.

Com o advento das ideias socialistas, republicanas e anarquistas, e numa época em que o desenvolvimento industrial ocupa na história económica e social de Almada um lugar-chave, surge *O Corticeiro*, o primeiro órgão dos operários corticeiros em Portugal. Considerando a crise por que passavam os corticeiros, estes sentem a necessidade de reagir, protestar e divulgar os seus problemas à opinião pública e, em especial à classe. Distribuído aos domingos, desde 22 de Outubro de 1899, o semanário operário apresenta-se como *órgão da indústria corticeira e do proletariado em geral*.

Quais as motivações que levaram à publicação do jornal cooperativo escrito e dirigido por operários corticeiros? Manuel Fevereiro, o principal impulsionador do órgão e director da redacção, é categórico no seu primeiro editorial, não assinado: «*Chegou enfim a hora para uma das classes mais importantes da indústria portuguesa criasse o seu órgão, a imprensa é hoje o foco radiante da civilização moderna, porém esta para atingir os seus fins, deve unicamente satisfazer os interesses materiais e morais da classe que se propõe a defender*».

O alerta deste homem, dirigido à sua classe, ilustra bem o relevo adquirido pela imprensa na sociedade portuguesa e não pode deixar de salientar-se o facto de que a palavra escrita ou verbal possuía um *peso* social e cultural. Numa classe onde imperava o analfabetismo, as reuniões dos companheiros de ofício são complementadas com a prática de hábitos de leitura individual e colectiva, como aconteceu com os trabalhadores de fábrica de cortiça «Companhia Londres & Lisboa», implantada no Caramujo na década de 1860, do ler os jornais para os que não sabiam ler, das leituras comentadas por operários autodidactas nas associações de classe e nas colectividades de cultura e recreio. Manuel Fevereiro explica a função que a imprensa operária assumiu e assume na educação e na dinâmica do movimento operário e sindical no país. Mas faltava um órgão criado pela classe dos corticeiros, um pólo animador que defendesse as aspirações dos trabalhadores da indústria corticeira e, ao mesmo tempo, combatesse a retracção nos meios operários e nas associações. Na mensagem editorial ressalta a experiência adquirida por aquele dirigente operário no movimento associativo, na própria tessitura das anteriores lutas sociolaborais, nem sempre bem sucedidas.

As contestações, inseridas no jornal, visam uma melhoria da situação do operariado, mas no seu conjunto acabam por criticar a própria organização geral da sociedade e o Governo, como sucedeu com o designado «movimento de protesto», exarado em vários artigos do órgão. «Quantas e quantas vezes as acções não afloram com evidência no plano político, as lutas operárias não têm visivelmente objectivos e conteúdos políticos, mas são profundamente políticos o seu sentido e incidências últimas!».

Pelo conteúdo dos artigos, observa-se alguma expressão para avaliar o grau de ruptura entre os anseios do operariado e os objectivos dos industriais, na sua maioria, de origem estrangeira, as relações entre a conjuntura económica e política e a capacidade de luta dos operários corticeiros em Portugal.

Ao compulsarmos os artigos com *mediações* doutrinárias é nítida a influência ideológica resultante das ideias socialistas, republicanas e anarquistas não obstante a orientação editorial. Por um lado, ressalta a via do socialismo que passava pelo mutualismo e cooperativismo de consumo e de produção, pela reorganização social e intervenção ou protecção do Estado nos sectores de economia. E, por outro, o órgão reflecte um certo ideário republicano sobre o ensino ou a instrução, com destaque para a importância da «aula nocturna» ou do «curso nocturno» nas associações pelo método de João de Deus, o anticlericalismo e os direitos da mulher na sociedade contemporânea. Estes princípios ou ideias estão também patentes na publicidade literária e doutrinária, através dos anúncios de títulos de propaganda, alguns com carácter panfletário, recebidos gratuitamente na administração do órgão, na sede da Associação dos Corticeiros de Almada.

Publicado em Almada, com redacção na Cova da Piedade, nomeadamente na modesta casa onde residia Manuel Fevereiro, o semanário ultrapassa o seu espaço concelhio com um proletariado local potencialmente receptivo, apesar de nunca ter excluído o movimento social e industrial almadense, para se projectar em órgão de matriz federativo dirigido aos trabalhadores e associações implantadas no país, na defesa dos interesses dos operários corticeiros.

Manuel Fevereiro, um dos mais respeitados dirigentes operários da época, abandona a direcção do órgão por razões de saúde, eclipsando a publicação de *O Corticeiro*, em 10 de Junho de 1900.

(Texto de Alexandre M. Flores)

### MOSTRA DOCUMENTAL:

- Panorâmica do estuário e margens do Tejo, em 1902.
- Texto histórico sobre o órgão *O Corticeiro* e seu director.
- Livro de Actas da Associação de classe dos Corticeiros de Almada (1900).
- Retrato de Manuel Fevereiro, Director da Redacção do órgão *O Corticeiro*.
- Retrato de José Custódio Gomes, Administrador do órgão *O Corticeiro*.
- Reprodução do órgão: n.ºs 1 (22 de Outubro de 1899), n.º2 (29 de Outubro de 1899), n.º3 (5 de Novembro de 1899), n.º5 (19 de Novembro de 1899), n.º11 (31 de Dezembro de 1899), n.º20 (4 de Março de 1900), n.º21 (11 de Março de 1900), n.º28 (29 de Abril de 1900), n.º34 (10 de Junho de 1900).
- Panorâmica da fábrica de cortiça inglesa William Rankin. Finais do século XIX.
- Confraternização dos corticeiros da fábrica W. Rankin & Sons (imagem), em 1895.
- Cais da descarga da fábrica inglesa H. Bucknall & Sons (imagem). Início do século XX.
- Operários corticeiros da “Companhia Londres & Lisboa” (imagem), Início do século XX.
- Mulheres operárias da “Companhia”, na escolha de rolas (imagem). Início do século XX.
- Carregamento de fardos de cortiça (imagem). Início do século XX.
- Textos evocativos a Manuel Fevereiro: *Diário de Notícias*, Lisboa, 18 de Março de 1902, p.1; *A Voz do Operário*, Lisboa, n.º1178, 15 de Maio de 1902, p.1; *O Correio do Sul*, Almada, n.º18, 1 de Maio de 1910, p.1.
- Obras com referências sobre a vida e obra de Manuel Fevereiro.